

## (RE)LEITURAS DE PODER E RESISTÊNCIA EM “O SOL NA CABEÇA”, DE GEOVANI MARTINS

Élida Cristina de Carvalho Castilho<sup>1</sup>

Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento<sup>2</sup>

*“A arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.”*

(Manifesto da Antropofagia Periférica, Sérgio Vaz, 2011)

É a partir das palavras de Sérgio Vaz e sua discussão do lugar do sujeito discursivo periférico na intitulada Literatura Marginal<sup>3</sup>, que apresentamos este texto, cujas reflexões integram um estudo mais amplo, de nossa investigação de doutoramento, que pretende observar nas formas de produção e leitura de subjetividades, outros modos de (se) conhecer, de (se) pensar e de (se) relacionar com personagens marginalizados na literatura contemporânea brasileira.

Para tanto, nosso objetivo principal é descrever e interpretar o funcionamento discursivo das representações identitárias de personagens marginalizados na Literatura Contemporânea, tendo como referência os personagens jovens e adolescentes do livro de contos “O Sol na Cabeça”<sup>4</sup>, do escritor marginal Geovani Martins (2018). Morador da favela do Vidigal, Martins traz como referência temática esse lócus de enunciação/criação/resistência, narrando as aventuras e desventuras de jovens marginalizados, aqui entendidos, em sentido amplo, consoante Dalcastagnè (2007, p. 20), “como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valoração negativa da cultura dominante, sejam definidos por gênero, etnia, cor, condição física, orientação sexual ou posição nas relações de produção”.

Assim, ao estudar esse texto literário pelo viés do discurso (TODOROV, 1988; FOUCAULT, 2001; PÊCHEUX, 2014), pretendemos, no infinito, na opacidade e na heterogeneidade da linguagem

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Linguísticos na linha de pesquisa Discurso, Subjetividades e Ensino de Línguas, UFMS, Campus Três Lagoas.

<sup>2</sup> Professora Doutora Voluntária na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no Programa de Pós-graduação em Letras, UFMS, Campus Três Lagoas.

<sup>3</sup> Movimento artístico-literário de autores marginalizados – em sua maioria negros, que desde meados da década de 1990, “romperam a silenciosa posição de objeto para entrarem na cena literária utilizando a literatura enquanto veículo de um discurso político formado no desejo de autoafirmação” (PATROCÍNIO, 2013, p. 12), narrando eles mesmos as representações de seus referentes principais. Entendida como a demarcação de uma territorialidade no âmbito das produções artísticas, a Literatura Marginal, com o seu acentuado discurso baseado em um princípio socioeconômico e territorial é, segundo Ferréz (2005), “uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas”.

<sup>4</sup> Obra de estreia do escritor que reúne treze contos que retratam a infância e adolescência de moradores das favelas cariocas. Lançado com expectativas (e realidade!) positivas de crítica e público, da tiragem inicial de 10.000 exemplares, 2.000 foram vendidos somente na primeira semana. O livro já conta com traduções em inglês e espanhol.

(AUTHIER-REVUZ, 1990; PÊCHEUX, 1999), de uma literatura manuseada por outras mãos, usadas para contar outras experiências que não as da elite ou da classe média intelectualizada no Brasil (DALCASTAGNÈ, 2018) – a Literatura Marginal contemporânea (PATROCÍNIO, 2013), discutir, nas condições de emergência da obra e em torno da prática de leitura e interpretação do conto de abertura, intitulado “Rolézim”, como o autor e alunos-leitores constroem as representações identitárias desses personagens, analisando, quais problematizações do pensamento logocêntrico-cartesiano sobre esses personagens são desestabilizados *na* e *pela* obra, para que possamos refletir e problematizar os sentidos representativos de poder e resistência sócio-históricas sobre personagens marginalizados no campo literário e social.

Partimos do pressuposto de que o texto literário, reconhecido e legitimado socialmente, subjetivou e ainda subjetiva muitas representações identitárias, contribuindo, em muitos casos, para reafirmar representações de sujeitos e subjetividades, dentro de uma metafísica ocidental, preconceituosa e excludente, pois as narrativas e a produção literária nacional ainda estão longe de “um mosaico, composta por várias perceptivas, vista de ângulos diferentes” (DALCASTAGNÈ, 2018).

Assim, por essa pressuposição, trabalhamos com a hipótese de que o texto literário proposto por Geovani Martins, em “O Sol na Cabeça”, no que tange às concepções de sujeitos e subjetividades, se (re)(a)presentam na alteridade, em uma “não normalização do pensamento e/ou apagamento da memória histórica” (PÊCHEUX, 2014) sobre esses personagens, principalmente por questões relativas à autoria, às formas de poder e à (des)construção/resistência de subjetividades dos referentes que narra, a partir da perspectiva desse outro olhar. Mas será que os alunos-leitores também mudam suas posições subjetivas sobre esses referentes, sobre esses personagens marginalizados? Os efeitos de sentidos possíveis na materialidade discursiva de Geovani Martins podem colaborar para que esses alunos-leitores (re)pensem as formas de subjetivação e poder-resistência desses sujeitos periféricos? Ou a memória histórico-discursiva sobre esses referentes e personagens ainda pautam seus dizeres em formações discursivas sobre estruturas e conteúdos de uma metafísica ocidental e estereotipada? Passemos as interpretações.

### **Do objeto à análise: (re)leituras e efeito de sentidos**

O objetivo da AD é descrever/interpretar o funcionamento do texto/discurso. Em outras palavras, sua finalidade é explicitar como um texto produz sentido a partir de uma noção de funcionamento discursivo, que permite ao analista não somente trabalhar com o que as partes significam, mas com os seus efeitos de interpretação, pontos de deriva possíveis (próprio de todo enunciado), que coloca em jogo a interpretação dos fatos, dos acontecimentos como um espaço em que os sujeitos mobilizam várias memórias, de acordo com suas relações sociais, produzindo novas significações.

Assim, para experimentar os gestos interpretativos e construções de sentidos propostos para essa análise e, incorporarmos as condições históricas e ideológicas em que o discurso foi produzido, analisaremos um fragmento do primeiro conto da obra e as produções escritas interpretativas sobre esse conto por um grupo de alunos do primeiro ano de Letras do IFSP, Campus Avaré, que após a leitura do conto “Rolézim”, responderam à seguinte pergunta: Como ele (o autor) se representa e vê o outro (personagens) que ele traz? Entretanto, para esse breve trabalho, apresentamos apenas dois recortes, o primeiro extraído do parágrafo inicial do conto e o segundo, da interpretação escrita da representação identitária do narrador-personagem feita por uma aluna.

#### Recorte 1

Acordei tava ligado o maçarico! Sem neurose, não era nem nove da manhã e a minha caxanga parecia que tava derretendo. [...] O que não dava era pra ficar fritando em casa. Calote pra nós é lixo, tu tá ligado, o desenrolo é forte. (p. 09)

É a partir da materialidade da língua literária de Geovani Martins que começamos nossa análise para perceber como seu discurso produz e veicula sentidos, na busca de tentar compreender como esse fato da língua, histórico e ideológico, faz parte de seu discurso.

Engendrando uma forma de resistência literária e discursiva, sua autoria vai muito além de uma autenticidade linguística, ao exprimir também uma autenticidade ideológica com relação ao que se diz e como se diz. Assim, essa preservação da memória linguística local, que marca uma oralidade muito bem controlada e dinâmica na obra, já problematiza algumas discursividades e efeitos de sentidos sobre texto literário, personagens marginalizados e suas formas de expressão. Também morador da favela do Vidigal, seu dizer/escrever relaciona-se com o poder e resistência, em práticas discursivas que dão lugar a uma identidade, uma demarcação de uma territorialidade no âmbito das produções artísticas da chamada Literatura Marginal, “uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas” (FERRÉZ, 2005) e que os colocam como sujeitos do próprio discurso e não mais como objeto, e assim, como os seus personagens, contribui para que em seu texto as autorrepresentações marquem outras perspectivas de posições-sujeito.

A narrativa começa no despertar do narrador-personagem em uma manhã ensolarada carioca “que nem o bafo do capeta”. Ele e mais um grupo de amigos decidem ir à praia, decisão nada tranquila, pois teria que juntar o dinheiro e escolher entre a passagem, o pão ou o “varejo” (maconha). Passagem ao outro lado do asfalto que, simbólica e fisicamente, não é fácil, dadas as representações subjetivas e histórico-ideológicas entre a zona sul e a periferia e, toda a rede de paráfrases e reformulações dessa construção de subjetividade e imaginário linguístico e que essas páginas nos convidam a (re)pensar. Mas, como escreve Canguilhem (1990 apud PÊCHEUX, 2014, p. 65-66, grifos do autor), “o sentido, escapa a toda redução que tenta alojá-lo numa configuração orgânica ou mecânica. [...] Porque o sentido é *relação à*, o homem pode jogar com o sentido, desviá-lo, simulá-lo, mentir, armar uma cilada”.

Bem como, ao mesmo tempo, cair nela, dada ao efeito polissêmico da língua e do vai e vem significativo de todo discurso, que não tendo um sentido metalinguístico universal, promove muitas leituras e sentidos, a depender, entre outros fatores, dos interlocutores que estão nessa interação discursiva.

Pois, como não existe um sentido único, literal, um “em si mesmo” (PÊCHEUX, 1999, p. 160) das palavras, expressões, proposições, elas ganham ou perdem sentido de acordo com a formação discursiva em que se encontram e, é na análise sobre esse outro olhar/sentido do aluno-leitor que passamos ao segundo recorte.

### Recorte 2

**Não** consigo ver a imagem do autor no conto, a **não** ser o fato dele ser provavelmente alguém que vivenciou ou pode observar situações desse tipo de cotidiano, por tanto posso levar em consideração a voz narrativa do garoto como sendo o “autor” desta história. Ele se descreve como um garoto que vive em uma periferia, que possivelmente **não** frequenta a escola, fato este, que talvez a própria mãe **não** saiba. Está em busca de alguns momentos onde ele possa curtir dias de bobeira na praia com amigos.

Ao analisar esse texto produzido por uma aluna-leitora, podemos identificar e descrever, os efeitos possíveis e impossíveis de seu dizer, marcado, por uma memória discursiva descritiva, “Ele se descreve como um garoto que vive em periferia”, ao mesmo tempo, estereotipada e preconceituosa sobre autoria literária, personagens marginalizados e literatura e sociedade. Constituído por um discurso de negativas, “não consigo ver a imagem”, “não frequenta escola”, a própria mãe não saiba”, a enunciabilidade da aluna evoca significações que dão lugar a uma leitura de reafirmações de poderes e resistência à resistência autoral e temática, histórica e política, sobre as formas de expressão discursivo-literária de Geovani Martins.

O uso dos advérbios de dúvidas “possivelmente” e “talvez”, indica uma incerteza discursiva sobre o habitar, o viver na periferia e, conseqüentemente, da construção das identidades desses personagens ali representados. Podemos dizer que, funcionando como um modalizador discursivo (AUTHIER-REVUZ, 1999, p. 7), esses vocábulos colaboram “para opacificar o modo complexo do dizer”, a resistência marcada da aluna-leitora e seu distanciamento sobre esse “tipo de cotidiano” que, em sua leitura, só “Está em busca de alguns momentos onde ele possa curtir dias de bobeira na praia com amigos.”

Assim sendo, as (novas) significações propostas pela Literatura Marginal através desse texto de Geovani Martins, por meio da análise dos efeitos de sentidos da (re)leitura da aluna, não são percebidas e/ou subjetivadas por ela, sua memória discursiva sobre esses referentes ainda deixam escapar sentidos excludentes e preconceituosos sobre textos e personagens marginalizados, sejam nas brancuras das páginas literárias, “autor” (marcado entre aspas), sejam na sociedade em geral, um “alguém que vivenciou ou pode observar situações desse tipo de cotidiano.”

## Considerações finais

Pelo fato dos significados das palavras não estarem a elas coladas, mas dissimulados no próprio funcionamento da linguagem (PÊCHEUX, 1999) é que podemos observar as diferentes (re)leituras, representações discursivas sobre esses personagens pela ótica dos sujeitos de pesquisa. Por um lado (aluno), de (re)afirmação de identidades rasgadas e dilaceradas pelas condições históricas e, por outro (autor), de (re)leituras de poder e resistência, desestabilizações e que permitem-nos refletir e problematizar como essas representações podem possibilitar modos outros de (se) conhecer, de pensar e de (se) relacionar com esses sujeitos/personagens marginalizados, que hoje parecem reivindicar não só na voz literária, mas, sobretudo, na voz social, uma presença, que promova deslocamentos e, portanto, (re)(s)significações de suas (a)(re)apresentações, dos interesses históricos, políticos e culturais levados, irremediavelmente, por toda prática de leitura.

## REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Tradução Celene M. Cruz e João W. Geraldi. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, nº 19, Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 25-42.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Algumas considerações sobre modalização autonímica e discurso outro. Porto Alegre: *Letras de Hoje*, v. 34, n. 2, 1999, p. 07-30.
- DALCASTAGNÉ, Regina. Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro. *Revista CULT*, São Paulo, Edição 231, 2018. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/> Acesso em 15 maio. 2019.
- DALCASTAGNÉ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados. Porto Alegre : *Letras de Hoje*, v.42, n.4, 2007. Disponível em : <[revistaseletronicas.pucrs.br](http://revistaseletronicas.pucrs.br)>. Acesso em 10 de jun. de 2019.
- FERRÉZ, *Literatura Marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro : Edições Graal, 2001.
- MARTINS, Geovani. Rolézim. In: *O sol na Cabeça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 9-16.
- PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. *Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira*. 1ª edição. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P.Orlandi. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.
- PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: Orlandi, Eni P. (org). [et al]. *Gestos de leitura : da história no discurso*. Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2014, p. 57-67.
- TODOROV, Tzvetan. A noção de literatura. In: *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fontes, 1980, p. 11-23.
- VAZ, Sérgio. *Literatura, pão e poesia*. São Paulo: Global, 2011.